

PIRUEIAS

RUBEM BRAGA

REVENDO "Les Forains" foi que reparei em um detalhe sem dúvida irônico do lindo "ballet": a apresentação da moça que faz acrobacias é feita juntamente com a de outra que executa vários movimentos de "ballet" acadêmico. E o público aplaude com o mesmo entusiasmo (exatamente o mesmo tipo de entusiasmo) os saltos mortais da jovem Danielle Darmance e as piruetas clássicas da outra moça.

Não faltou uma senhora de preto para comentar, com certa superioridade, que afinal, quando pagou tão caro por uma poltrona do Municipal, não esperava ir ver coisas de circo. Essa ilustre senhora era apenas um fantasma, pois faleceu há muito tempo, definitivamente afogada em algum lago de cisnes.

Na verdade o público do Rio mostrou ser mais inteligente e sensível do que andavam dizendo por aí, e não quis saber se "Le jeune et la Mort" era "ballet" mesmo ou teatro musicado ou pantomima ou crime ou suicídio (crime ou suicídio? você se lembra, Alvaro Moreyra, do tempo em que "O Globo" vivia perguntando coisas? Hoje os jornais não perguntam mais nada, sabem tudo, afirmam tudo, negam tudo; eles não eram mais humildes e simpáticos antigamente?) bem, mais como eu ia dizendo, o público viu apenas que era bom, e obrigou Kochno a repetir aquela coisa dramática e bela de Cocteau em sua programação.

E como é doce dar palpites e sonhar em coisas de que não se entende, eu estava pensando outro dia, vendo dançar aquelas meninas encantadoras que são as Operárias de Jesus (essa União é um milagre

de bondade e inteligência em um país em que às vezes a gente chega a detestar as pessoas bondosas porque sua bondade é tão burra, tão burra demais que acaba sendo uma coisa ruim) pensando nos caminhos imprevisíveis que o "ballet" pode ter no Brasil.

Na verdade, apesar de todas as dificuldades enormes (queréis para vossa filha uma vida de sacrifícios e aborrecimentos, salários ridículos, "chances" quase nulas e até um pouco de maledicência? matriculai-a em uma escola de "ballet") a verdade é que começa a existir alguma coisa. E já existem muitos esforços e umas pontas de êxito na tentativa de existir um "ballet" brasileiro. E' verdade que, mesmo quando não queremos, ainda somos bastante acadêmicos, pois vamos pegar nossa mitologia indígena assim no mesmo espírito com que na Europa eles pegam a grega e afinal para nós a primeira é muitas vezes tão grega e livresca quanto a outra. Mas além do aproveitamento do "folclore", inclusive essa capoeira que na Bahia, é mais dança do que luta, temos uma grande riqueza da própria vida brasileira de todos os dias. Além de sugestões coreográficas (quem se meterá a fazer um "ballet" de futebol, quando nem mesmo até hoje nenhum dos nossos grandes fotógrafos descobriu a extraordinária riqueza artística desse jogo, que qualquer arquivo esportivo de redação documental?) temos uma grande riqueza de temas a explorar. E esse "Ballet des Champs Elysées" nos dá uma bela lição nesse sentido, com a vantagem de ser uma lição de êxito financeiro, o que alguns anos atrás não aconteceu com um "ballet" norte-americano, entretanto interessantíssimo.

Está visto que antes de escrever precisamos saber um mínimo de gramática; quero dizer, proporcionar a um número bem maior de jovens o serviço militar do "entrechat" e da "prouette". Em São Paulo, Nicenor Miranda já se anima a tentar um "ballet" operário... Enfim, vamos adormecer nossos vagos palpites no reino da esperança, onde todo mundo é rei.

4.6.49

169